



# As crianças da Alemanha nazista: as experiências sessenta anos depois

Michael Ermann\*, Munique

*Os eventos da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha Nazista e os anos do pós-guerra também afetaram aqueles que foram crianças naquela época. Alguns deles ficaram profundamente traumatizados. Todos estiveram envolvidos nos processos de enfrentamento de situações por parte de seus pais e receberam pouco apoio na elaboração de suas próprias experiências. Apenas recentemente desenvolveu-se um interesse mais amplo por esse assunto na Alemanha. Este relato contempla o problema de crianças na guerra na Alemanha Nazista a partir de um ponto de vista clínico e de uma perspectiva de entrevistas de pesquisa. Em psicanálise, os processos de enfrentamento vividos por estas famílias entram no foco da dinâmica da transferência e contratransferência. Torna-se óbvio que as crianças foram usadas como depositárias e baluartes contra sentimentos incontroláveis de culpa e vergonha, tristeza e pesar, vividos por seus pais. Elas se tornam alienadas de sua própria biografia, que conhecem, mas não sentem. Portanto são testemunhas silenciosas de sua infância. Em entrevistas de pesquisa, elas demonstram uma necessidade quase unânime de compartilhar suas experiências e alcançar uma melhor compreensão de si mesmas.*

*Descritores: Segunda Guerra Mundial. Nacional-socialismo. Infância na guerra. Lidando com o trauma.*

\* Psicanalista Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica da Alemanha.

Praticamente todas as famílias alemãs estiveram envolvidas de uma ou outra forma no domínio de terror do nacional-socialismo, ou como eleitoras, autoras, perseguidas ou partidárias, ou como testemunhas aquiescentes ou mudas, algumas poucas também na resistência. Entretanto, a guerra que trouxe tanta desgraça para a Europa, a partir de 1942, virou-se de forma terrível também contra a população alemã não-judia. Milhões de alemães foram testemunhas ou vítimas de ataques aéreos e bombardeios, de fugas e expulsões. Grande parte das famílias alemãs perdeu seus parentes. Centenas de milhares de homens foram prisioneiros de guerra, muitos retornando apenas vários anos depois, muitos mutilados.

Esse destino, em vista da sua imensurável culpa e responsabilidade nos acontecimentos, deixou os alemães sem palavras durante longo tempo. Passou a ser reconhecido apenas décadas mais tarde e bem lentamente. Deve-se salientar aqui que nem o público nem as pesquisas ocuparam-se muito com o destino das *crianças* nascidas na Alemanha durante esse período. Mesmo a psicoterapia de orientação psicanalítica na Alemanha Ocidental, que dá ênfase especial à elaboração de experiências da infância, tratou o tema da infância na guerra mais detalhadamente tão somente em alguns poucos estudos (Heinl, 1994; Radebold, 2000).

Apenas após a reunificação da Alemanha, em 1990, surgiu uma certa atenção para o fato de não só os adultos de então terem sido atingidos e em parte seriamente traumatizados pelos acontecimentos da guerra, mas também, e na mesma medida, as crianças que a vivenciaram. Grande parte das crianças, muitas ainda bebês, esteve exposta direta ou indiretamente às ações da guerra nas cidades bombardeadas ou durante a fuga ou a expulsão. Inúmeras foram evacuadas e separadas por longo tempo de suas famílias. Em função da guerra e do período pós-guerra, viveram em famílias incompletas, marcadas pela perda de seus membros, pai ausente, mãe sobrecarregada, doenças, fome, frio, falta de espaço nas moradias. Muitas se sentiam estranhas em ambiente não familiar, envergonhadas pela pobreza e sozinhas com seus sentimentos.

O final do século XX trouxe uma mudança no clima. As crianças da guerra, agora idosas, passaram a manifestar-se. A ciência também começou a dedicar-se ao seu destino. As vivências destas crianças durante a guerra também se têm multiplicado na psicanálise.



## Experiências na psicanálise

Meu trabalho com as crianças que viveram a guerra me ensina que as pessoas pertencentes à geração entre 1929 e 1945 foram atingidas e marcadas de formas bem diversas entre si. Bastante ampla é a constelação de fatalidades e traumatizações, muito diferentes são as origens e os panos de fundo, muito diversas são as redes em que as crianças foram resgatadas mais tarde. Mesmo os marcos históricos de início e final da guerra não representam limites claros. A guerra e o período pós-guerra como cenários não podem ser separados do desenvolvimento das crianças desse período. Trata-se de um contínuo no qual as experiências e relações pessoais fizeram empalidecer o peso de acontecimentos políticos e históricos.

Ao lado das traumatizações condicionadas pela guerra, entretanto, a elaboração é um foco significativo. Se as noites de bombardeio, as fugas, a ameaça e as experiências de violência por si só já deixaram profundas feridas, para muitas crianças foi de igual importância *se* e *como* foram vistas e reconhecidas como traumatizadas e o que aconteceu posteriormente. Para as crianças mais novas as experiências na superação, durante o período pós-guerra, por vezes foram até mais marcantes que as traumatizações da guerra em si.

Nesse sentido as relações familiares tornam-se o principal foco. Para muitas crianças foi marcante terem sido deixadas sozinhas com suas experiências e não terem encontrado continente; muitas vezes, ao contrário, terem servido como continente para a dor e o sofrimento de seus pais e irmãos. O que encontramos hoje nas pessoas que foram crianças na guerra são vestígios de uma elaboração que se poderia denominar resignada ou autista. Baseia-se na vivência profundamente reprimida de terem sido entregues ao incompreensível, terem ficado desprotegidas e decepcionadas na necessidade primitiva de um oposto protetor e compreensivo ao passarem dificuldades.

Uma pessoa abandonada em seu desamparo dissocia seus sentimentos para defender a coerência de seu *self* e sobreviver. A ignorância de sua necessidade e a falta de empatia passam a ser o organizador da estrutura psíquica. Para muitas crianças da guerra ela se constitui na incapacidade de ler a própria biografia. Tornam-se pessoas que não têm acesso emocional à sua biografia como crianças na guerra e no pós-guerra. Conhecem os fatos, sabem dos acontecimentos, mas vivem-nos como se não tivessem significado. Assim, também não se vêem traumatizadas.

Por esse motivo calaram-se durante décadas e não apareceram como geração no discurso social. De fato, não existe nelas a continuidade das próprias raízes.

Seu atual *self* não se refere à biografia efetiva, mas a uma infância idealizada ou reinterpretada. Falta ali a relação com os sofrimentos da infância. As biografias aparecem transfiguradas, inocentadas, alienadas. Retiram sua identidade das delegações que os pais lhes atribuíram de forma não pronunciada; pais traumatizados eles próprios pela sua culpa na guerra e como partidários ou autores de um sistema assassino.

As tarefas não pronunciadas dos pais são múltiplas. Num primeiro plano estão as expectativas não pronunciadas em relação às crianças, para que essas não os sobrecarreguem e tenham autonomia e sucesso na vida – um raio de sol no qual eles mesmos pudessem aquecer o seu *self* prejudicado de pais, esquecer a dor e o sofrimento, a perda de parentes, a casa e a pátria ou refazer-se da perda do companheiro. E principalmente não fazerem exigências próprias que tragam à tona a deficiência na relação e o seu desamparo como pais. E também poupem-se de reviver as privações sofridas na sua própria infância durante e após a Primeira Guerra Mundial.

Essas expectativas criam um conflito entre adaptação e auto-afirmação no qual as crianças estão numa posição de dependentes e, portanto, inferior. A solução é uma obediência na negação do *self*, com o que aliviam os pais. O alívio alheio torna-se o programa da sua identidade emprestada.

As crianças, durante a guerra, tornam-se para os pais um baluarte contra a experiência de impotência e recordação. São funcionalizadas com o propósito da rejeição. Chamo esse complexo de *complexo nazista* de muitos alemães: um entrelaçado indissolúvel de conhecimento, recordações e revelações do que efetivamente aconteceu durante o nazismo, de vergonha, culpa e sentimentos de culpa sobre a autoria e/ou o partidarismo, com feridas e danos próprios, desamparo próprio e eventualmente até com feridas reabertas da própria infância durante e após a Primeira Guerra. Esse complexo parece não ter sido realmente superado na maior parte dos casos. Ele é dissociado e, como uma espécie de introjeção traumática, causa a incapacidade para o luto que dominou nosso país durante décadas e volta a irromper a toda hora.

Nessas circunstâncias muitas das crianças da guerra se transformaram em testemunhas mudas de sua própria infância. Não puderam apropriar-se dela porque foram privadas de experiências essenciais de reflexo de suas experiências e da empatia pelas suas feridas e sofrimentos. Mas não se trata de um simples déficit de experiência; adicionalmente elas realizaram uma identificação com o objeto não protetor do qual dependiam para sobreviver.

O ódio ao objeto externo não protetor cria um objeto interno mau. A identificação com o agressor leva ao desprezo das próprias necessidades e cria



sentimentos de culpa paradoxais como em um trauma: sentimentos de culpa relacionados a necessidades existenciais que não são nem reconhecidas nem atendidas pelo outro. O que não é refletido e compreendido acaba por ser dissociado ou reprimido. Na repressão, no entanto, as privações e renúncias não podem ser reconhecidas nem choradas.

Essa identificação também vai impedir experiências alternativas mais tarde. O outro bem-intencionado permanece na posição do agressor, do qual não se deve esperar nada de bom e que só pode ser apaziguado adivinhando-se suas intenções e antecipando-se a elas, submetendo-se ao que é esperado. As coisas próprias não têm nenhum valor aqui.

Enquanto esta identificação perdurar, as crianças da guerra não conseguem reconhecer para elas mesmas suas feridas. Assim também não podem chorar o seu destino – nem as lesões dos anos de guerra, nem a sua funcionalização no processo de superação dos pais e no mutismo destes nos anos seguintes, nem as privações que lhes foram exigidas por uma vida com identidade quebrada. Formam-se lacunas na identidade que constituem estranheza perante elas mesmas e perante a própria vida. Ou, conforme disse um paciente ao final do seu tratamento: “Antes era como uma vida de segunda mão”.

### Experiências em entrevistas de pesquisa

O Projeto *Infância na Guerra* da Universidade de Munique<sup>1</sup> desde o ano de 2005 está examinando pessoas nascidas na Alemanha entre 1933 e 1945 através de entrevistas de pesquisa. São as *crianças da guerra*, mas o nome *Infância na Guerra* descreve o objeto da pesquisa apenas de modo grosseiro. Trata-se da *Infância da Segunda Guerra Mundial e no período do nazismo* e as suas conseqüências. A questão é: que vestígios foram deixados pelas irrupções dessa realidade externa desconcertante e terrível no mundo interior ainda não formado destas crianças? Como puderam ser elaboradas e até superadas mais tarde, tendo em vista o fato de a autoria e as lesões sofridas por suas famílias estarem tão próximas entre si?

Já foram realizadas aproximadamente oitenta entrevistas. Os resultados da avaliação sistemática ainda não estão disponíveis. Além disso, a nossa amostra tomada ao acaso não é representativa. No entanto, alguns resultados são tão impressionantes que gostaríamos de compartilhá-los, ressalvado o método.

<sup>1</sup> Disponível no endereço <http://www.warchildhood.net/>.

Primeiramente foram surpreendentes a criatividade e multiplicidade das formas de superação encontradas e a frequência com que deparamos com um fenômeno que denominamos de *identidade positiva de infância na guerra*, como percepção do próprio destino e um manejo autocuidadoso com esse destino e consigo mesmo. Também nos impressionou a funcionalidade da superação. Muitos dos envolvidos descreveram um currículo consistente com visível engajamento por si e pelos outros. Apenas alguns se apresentaram abertamente aflitos ou mesmo resignados. Na maioria não se vêem abertamente conseqüências de traumas e feridas. Apenas alguns se queixaram de sintomas, o que contradiz relatos de acordo com os quais, passados sessenta anos, cada vez mais as pessoas que viveram a guerra como crianças têm apresentado sintomas psicossomáticos.

Até o momento, quase todos os participantes relataram vivências em parte terríveis em cidades bombardeadas, muitas viveram fugas e expulsões e conservam recordações pessoais das mesmas. As diferentes formas de narrá-las, no entanto, foram surpreendentes. A maioria apresentou-se pensativa ou distanciada. Uma parte dos participantes parecia aliviada pela narração. Não mudavam de assunto. Outros pareciam incomodados, como que impelidos a contar cada vez mais e repetir-se.

Muitas recordações foram apresentadas como se fossem sobre outra pessoa. Às vezes parecia que escutávamos a narração de um filme. Dissociações singulares se manifestaram: a Sra. H. narrou uma infância alegre em uma cidadezinha tranqüila na Silésia Inferior. Que se tratava do mesmo local onde mais tarde foram metralhados vagões de desertores e onde havia cadáveres pelas ruas apenas veio à tona após insistirmos na indagação. Às vezes os relatos eram corrigidos ao longo da entrevista e os participantes observavam que não podiam ter sido *tão inofensivos* quanto haviam sido relatados.

Especialmente impressionante era quando os participantes se afastavam de recordações terríveis para aproximar-se de detalhes consoladores: o canto de um pássaro após um ataque aéreo foi enterrado na memória como sinal de esperança. A boneca reencontrada após a destruição da residência prometia sobrevivência e futuro. Paisagens, as cores do céu e a vivacidade de animais e flores também apareceram nas narrações em contraponto a recordações deprimentes.

Em geral, o autoconsolo desempenhou um papel significativo. Mas constantemente os participantes também se conscientizavam de que houve outros que sofreram mais. Alguns mencionaram que na verdade não tinham perdido tudo, transmitindo a impressão de desejarem consolar o entrevistador.

O tom que acompanhou as narrativas sobre as experiências na guerra foi muito variado. Raramente encontramos aflição e dor manifestadas abertamente.



Às vezes foi possível sentir orgulho. Para muitos meninos mais velhos, a guerra também foi uma aventura. Blindados e aviões despertavam mais curiosidade do que medo. Mesmo a fuga, para alguns, foi uma excitante jornada em direção ao oeste.

Enquanto a pergunta por *Recordações da época da guerra e do nazismo* na maioria das vezes foi respondida espontaneamente com lembranças relacionadas à guerra, o pano de fundo político praticamente não apareceu. Quando perguntávamos diretamente sobre o assunto, estabelecia-se uma certa tensão – ficavam desconfortáveis. Ocasionais recordações de desfiles militares e bandeiras pareciam relativamente despreocupadas. Apenas uma participante narrou espontaneamente um evento terrível, quando, em maio de 1945, ao encontrarem com uma tropa de prisioneiros de campo de concentração em uma cidadezinha na Baviera Superior, sua tia segurou-a contra o chão dizendo: “Você não viu isso!”

Bem mais difícil foi a conversa sobre a biografia familiar durante o nazismo. Houve falta de clareza, contradições, constrangimento e desconhecimento no que se refere a envolvimento e participação no nacional-socialismo. Alguns participantes queriam transmitir a sua mensagem com insistência: “É que nós não sabíamos de nada...”, “Éramos uma família íntegra...”, “Nos apoiávamos uns aos outros...”.

Os pais, depois da guerra, quase não tocavam no assunto. A conhecida *falta de palavras* das famílias alemãs do pós-guerra em relação ao nacional-socialismo, especialmente sobre as perseguições aos judeus e o Holocausto, confirmou-se nas nossas entrevistas. As crianças também raramente perguntavam. Não queriam incomodar ninguém.

As famílias aparecem com distância interna em relação ao sistema nacional-socialista, baseada em ligações com o partido comunista ou social-democrata ou ainda com as igrejas, ou aparecem como testemunhas caladas que emudeceram ou desviaram o olhar por medo das conseqüências. Quando inesperadamente emergiam indícios de envolvimento com o nazismo, manifestava-se uma certa agitação. Por exemplo, ao recordar-se o uniforme da organização paramilitar *SS* do partido nazista em uma fotografia de um tio encontrada apenas mais tarde. Tais *achados* às vezes levavam a um comportamento pensativo ou, normalmente, ao espanto. Quando perguntas, por exemplo, sobre a atividade do pai no *front* russo ficavam sem resposta, estabeleciam-se tensão e perplexidade. Os entrevistadores, nesses casos, facilmente eram colocados numa posição criminalística, como se estivessem querendo persuadir alguém.

Após a guerra, essa foi guardada na lembrança das famílias como irrupção dolorosa do destino e marco decisivo ou crítico na biografia familiar, na qual as

perdas e vítimas ocupavam as conversas. Raramente falava-se de experiências pessoais ocorridas durante guerra. Sobre experiências dolorosas das mães, como estupros, e dos pais, em ações de guerra ou como prisioneiros, havia apenas vagas noções. Estas experiências não eram reveladas abertamente – e as crianças também não perguntavam. Alguns revelaram que temiam pelo que ouviriam, outros temiam sentimentos de vergonha e feridas dos pais, que não desejavam tocar. Assim, as conversas familiares foram esmorecendo em repetições ritualizadas.

Dessa forma, as feridas das crianças também não chegavam ao diálogo. Muito raramente, nos anos após a guerra, a mãe se tornou a confidente; em alguns casos houve um professor ou um padre compreensivo. Após terem passado anos *resolvendo as coisas consigo mesmas*, muitas vezes essas pessoas procuravam ajuda no companheiro. Formavam, então, associações de superação com o risco de ter sua durabilidade ameaçada pela distância à época da guerra e do nazismo, pelo falecimento dos pais necessitados ou pelo estabelecimento da própria identidade.

De acordo com as nossas impressões até o momento, os vestígios deixados pela Segunda Guerra e o período do nazismo nos nossos interlocutores não são tanto de evidente instabilidade, limitação da superação da vida ou sintomas clínicos, mas sim de vácuos formados no sentimento de identidade, de estranheza perante o mundo gravada na memória. Como tais, esses vestígios não dominam as recordações e experiências, na medida em que esperávamos quando desenvolvemos nosso projeto e organizamos a pesquisa. O esclarecimento dessa questão passa a ser tarefa da avaliação diferenciada que se inicia a partir de agora.

### Observação final

Nesse meio tempo aumentou a necessidade dos que foram crianças na Alemanha durante a guerra de compreenderem a si mesmos. Procuram fazer análise, formam grupos de auto-ajuda e participam de entrevistas de pesquisa. Manifestam, assim, a necessidade de se expressarem e, dessa forma, chegarem a uma compreensão mais profunda deles próprios.

De fato, parece que o tabu da memória, a resistência coletiva e subjetiva à memória (Freud, 1914) nas famílias e na sociedade do pós-guerra contribuiu, no caso das crianças da guerra, para uma identidade relacionada com muitas noções vagas e perguntas em aberto: suspeitas e dúvidas sobre a responsabilidade nacional, as biografias familiares e sobre elas mesmas. Sem trabalho de memória, entretanto, não existe sentimento de continuidade da própria vida e sem essa continuidade





não há identidade positiva. Nesse sentido, a descoberta tardia do tema infância na guerra e a disposição da sociedade e das pesquisas em ouvir as crianças da guerra são uma forma tardia de reparação desse mutismo que durou décadas e um auxílio necessário para o aperfeiçoamento de sua identidade positiva como crianças que nasceram e cresceram na Alemanha da Segunda Guerra Mundial e da época do terror nazista e do Holocausto. □

## Abstract

### **Children of war from Nazi Germany experienced 60 years after**

The events of the Second World War, Nazi Germany and the post-war years have also affected those who were children in that time. Some of them were deeply traumatized. All of them were involved into the coping processes of their parents and had little support in processing their own experiences. It is only recently that a broader interest in this matter has evolved in Germany. This report is regarding the problem of children in war from Nazi Germany from a clinical point of view and from the perspective of research interviews. In psychoanalysis the coping processes of the families get into the focus of the transference and counter transference dynamics. It becomes obvious that the children were used as containers of and rampart against unmastered feelings of guilt and shame, sorrow and mourning of their parents. They become alienated from their very own biography which they know but which they do not feel. Thus they are silent witnesses of their childhood. In research interviews they prove an almost unanimous need to share their experiences and to come to a better understanding of themselves.

Keywords: World War II. National-socialism. Childhood in war. Coping with trauma.

## Resumen

### **Los niños de la Alemania nazista: las vivencias 60 años después**

Los eventos de la Segunda Guerra Mundial, la Alemania nazista y de los años de la postguerra afectaron también a los que eran niños en aquel tiempo. Algunos de ellos resultaron profundamente traumatizados. Todos estuvieron implicados en los procesos de enfrentamiento de la situación, por parte de sus padres y tuvieron

Michael Ermann

---

poco soporte para procesar sus propias experiencias. Fue solo recientemente que un creciente interés sobre este problema surgió en Alemania. Este trabajo trata del problema de los niños durante la guerra en la Alemania nazista, desde una mirada clínica e desde desde la perspectiva metodológica de entrevistas investigativas. En psicoanálisis, los procesos de enfrentamiento de las familias pertenecen al enfoque de la dinámica de transferencia y contratransferencia. Se hace obvio que los niños fueron usados como depositarios y protección contra sentimientos confusos de culpa y vergüenza, pena y duelo de sus padres. Ellos resultaron enajenados de su propia biografía, la que sabían pero no sentían. Mientras tanto, eran silenciosos testigos de su niñez. En entrevistas investigativas, ellos demostraron una casi unánime necesidad de compartir sus experiencias y buscar un mejor entendimiento de si mismos.

Palabras llave: Segunda Guerra Mundial. Nacional-socialismo. Niñez en la guerra. Enfrentamiento del trauma.

## Referências

- FREUD, S. (1914). *Erinnern, wiederholen und durcharbeiten*. In: *Gesammelten Werken von Sigmund Freud*. v. 10. Frankfurt am Main: Fischer, 1999, p. 126-136.
- HENL, P. (1994). *Maikäfer flieg, dein vater ist im krieg: seelische wunden aus der kriegskindheit*. Munique: Kösel.
- RADEBOLD, H. (2000). *Abwesende väter*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht.

Recebido em 07/12/2007

Aceito em 05/03/2007

Tradução de **Ingrid Brugger**

Revisão técnica de **Flávio de Oliveira e Souza e Magali Fischer**

**Michael Ermann**

Nussbaumstrasse 7,

D-80336 – Munique – Alemanha

e-mail: Michael.Ermann@med.uni-muechen.de

© Michael Ermann

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA